Contos Populares Portugueses
Adolfo Coelho
Agrupamento de Escolas de Rio de Mouro

Título: Contos Populares Portugueses

Autor: Adolfo Coelho

Edição: Agrupamento de Escolas de Rio de Mouro

Adaptação e paginação: Carlos Pinheiro

1.ª edição: outubro de 2013

Imagem da capa: *Le Cavalier rouge*, par Ivan Bilibine, illustration pour le conte "Vassilissa-la-très-belle" [Wikimedia Commons]

ISBN: 978-989-8671-18-9

Índice

História da Carochinha

Era uma vez uma carochinha que andava a varrer a casa e achou cinco réis e foi logo ter com uma vizinha e perguntou-lhe: «Ó vizinha, que hei de eu fazer a estes cinco réis?» Respondeu-lhe a vizinha: «Compra doces.» «Nada, nada, que é lambarice.» Foi ter com outra vizinha e ela disse-lhe o mesmo; depois foi ainda ter com outra que lhe disse: «Compra fitas, flores, braceletes e brincos e vai-te pôr à janela e diz:

Quem quer casar com a carochinha

Que é bonita e perfeitinha?»

Foi a carochinha comprar muitas fitas, rendas, flores, braceletes de ouro e brincos; enfeitou-se muito enfeitada e foi-se pôr à janela, dizendo:

«Quem quer casar com a carochinha

Que é bonita e perfeitinha?»

Passou um boi e disse: «Quero eu.» «Como é a tua fala?» «U, u...» «Nada, nada, não me serves que me acordas os meninos de noite.» Depois tomou outra vez a dizer:

«Quem quer casar com a carochinha

Que é bonita e perfeitinha?»

Passou um burro e disse: «Quero eu.» «Como é a tua fala?» «Em ó... em ó...» «Nada, nada, não me serves, que me acordas os meninos de noite.» Depois passou um porco e a carochinha disse-

lhe: «Deixa-me ouvir a tua fala.» «On, on, on.» «Nada, nada, não me serves, que me acordas os meninos de noite.» Passou um cão e a carochinha disse-lhe: «Deixa-me ouvir a tua fala.» «Béu, béu.» «Nada, nada, não me serves, que me acordas os meninos de noite.» Passou um gato. «Como é a tua fala?» «Miau, miau.» Nada, nada, não me serves, que me acordas os meninos de noite.» Passou um ratinho e disse: «Quero eu.» «Como é a tua fala?» «Chi, chi, chi.» «Tu sim, tu sim; quero casar contigo», disse a carochinha. Então o ratinho casou com a carochinha e ficou-se chamando o João Ratão.

Viveram alguns dias muito felizes, mas tendo chegado o domingo, a carochinha disse ao João Ratão que ficasse ele a tomar conta da panela que estava ao lume a cozer uns feijões para o jantar. O João Ratão foi para junto do lume e para ver se os feijões já estavam cozidos meteu a mão na panela e a mão ficou-lhe lá; meteu a outra; também lá ficou; meteu-lhe um pé; sucedeu-lhe o mesmo, e assim em seguida foi caindo todo na panela e cozeu-se com os feijões. Voltou a carochinha da missa e como não visse o João Ratão, procurou-o por todos os buracos e não o encontrou e disse para consigo: «Ele virá quando quiser e deixa-me ir comer os meus feijões.» Mas ao deitar os feijões no prato encontrou o João Ratão morto e cozido com eles. Então a carochinha começou a chorar em altos gritos e uma tripeça que ela tinha em casa perguntou-lhe:

Que tens, carochinha,
Que estás aí a chorar?

Morreu o João Ratão
E por isso estou a chorar.

E eu que sou tripeça
Ponho-me a dançar.

Diz dali uma porta:

Que tens tu, tripeça,
Que estás a dançar?
Morreu o João Ratão,
A Carochinha está a chorar,
E eu que sou tripeça
Pus-me a dançar.

E eu que sou porta
Ponho-me a abrir e a fechar.

Diz dali uma trave:
Que tens tu, porta,
Que estás a abrir e a fechar?

Morreu o João Ratão,
A Carochinha está a chorar,
A tripeça está a dançar,
E eu que sou porta

Pus-me a abrir e a fechar.

E eu que sou trave
Quebro-me.

Diz dali um pinheiro:

Que tens, trave,
Que te quebraste?

Morreu o João Ratão,
Carochinha está a chorar,
A tripeça está a dançar,
A porta a abrir e a fechar,
E eu quebrei-me.

E eu que sou pinheiro
Arranco-me.

Vieram os passarinhos para descansar no pinheiro e viram-no arrancado e disseram:

Que tens, pinheiro,
Que estás no chão?

Morreu o João Ratão,
A Carochinha está a chorar,

A tripeça está a dançar,
A porta a abrir e a fechar,
A trave quebrou-se,
E eu arranquei-me.

E nós que somos passarinhos
Vamos tirar os nossos olhinhos.

Os passarinhos tiraram os olhinhos, e depois foram à fonte beber água. E diz-lhe a fonte:

Porque foi passarinhos,
Que tirastes os olhinhos?

Morreu o João Ratão,
A Carochinha está a chorar,
A tripeça a dançar,
A porta a abrir e a fechar,
A trave quebrou-se,
O pinheiro arrancou-se,
E nós, passarinhos,
Tirámos os olhinhos.

E eu que sou fonte
Seco-me.

Vieram os meninos do rei com os seus cantarinhos para

levarem água da fonte e acharam-na seca e disseram:

Que tens, fonte,
Que secaste?

Morreu o João Ratão,
A carochinha está a chorar,
A tripeça a dançar,
A porta a abrir e a fechar,
A trave quebrou-se,
O pinheiro arrancou-se,
Os passarinhos tiraram os olhinhos,
E eu sequei-me.

E nós quebramos os cantarinhos.

E foram os meninos para o palácio e a rainha perguntou-lhes:

Que tendes, meninos,
Que quebrastes os cantarinhos?

Morreu o João Ratão,
A carochinha está a chorar,
A tripeça a dançar,
A porta a abrir e a fechar,
A trave quebrou-se,
O pinheiro arrancou-se,

Os passarinhos tiraram os olhinhos,
A fonte secou-se,
E nós quebrámos os cantarinhos.

Pois eu que sou rainha
Andarei em fralda pela cozinha.

E eu que sou o rei
Pelas brasas me arrastarei

O Macaco do Rabo Cortado

Era uma vez um macaco que queria ir para a escola, mas muitos meninos faziam troça dele porque tinha um rabo comprido. Então ele resolveu ir ao barbeiro e pedir para lhe cortarem o rabo. O barbeiro perguntou se tinha a certeza, e como o macaco respondeu que sim, o barbeiro, trás! Cortou-lhe o rabo com uma navalha.

No outro dia, quando o macaco chegou à escola, os meninos riram-se por ele ter o rabo cortado, e chamaram-lhe «o macaco do rabo cortado». Então, resolveu ir ao barbeiro buscar o seu rabo, mas o barbeiro disse-lhe que já não tinha o rabo, que tinha ido para o lixo. Então o macaco ficou furioso, pegou na navalha do barbeiro e fugiu com ela.

Na rua encontrou uma varina que o viu com a navalha na mão e lhe disse: «Ó macaquinho, para que queres tu essa navalha? Não te serve para nada! A mim é que fazia falta para eu amanhar o meu peixe.» O macaco deu-lhe razão e entregou-lhe a navalha. Mas mais tarde, começou a sentir fome e para descascar uma maçã, precisou da navalha. Foi ter com a varina e pediu a navalha, mas a navalha estava partida. Então ficou furioso e levou a canastra das sardinhas da varina.

Quando ia na rua com a canastra de sardinhas, encontrou o padeiro, que lhe disse: «Olha, coitado, vais tão carregado com as

sardinhas, se quiseres eu guardo essa canastra na minha casa.» E assim foi. Agora o macaco sentia-se mais à vontade e podia ir de um lado para o outro, sem ter de transportar as sardinhas. Mas um tempo depois, começou a ter fome. O peixe dava-lhe jeito para comer e por isso resolveu ir buscá-lo a casa do padeiro. Mas o padeiro, com a família, tinha comido as sardinhas. Então furioso, tirou um saco de farinha ao padeiro.

Quando ia pelo caminho com o saco de farinha, encontrou a senhora professora que lhe pediu a farinha para fazer uns bolinhos. Como o macaco não sabia fazer bolinhos com a farinha, deu a farinha à senhora professora. Mais tarde, quando voltou a ter fome, resolveu ir ter com a senhora professora e pedir-lhe alguns bolinhos. Mas os bolinhos já tinham sido todos comidos. Ninguém tinha guardado uns bolinhos para oferecer ao macaco. Então ficou furioso e roubou uma menina da senhora professora.

Só que, para espanto do macaco, a menina começou a chorar. Teve pena da menina e foi levá-la à mãe. Para que é que quereria uma menina? Mas mais tarde, quando chegou a casa e viu tudo desarrumado, pensou que a menina poderia trabalhar para ele e ajudá-lo a limpar e a arrumar a casa e por isso resolveu ir buscá-la. Quando foi buscar a menina, a mãe não lha deu, claro, e então, furioso, levou–lhe a camisa do marido que estava pendurada na corda da roupa.

No caminho, encontrou o músico com uma viola que lhe pediu a camisa. Como a camisa do músico já estava muito velhinha o macaco deu-lhe a camisa. Mas o músico quando foi para casa vestir a camisa, ela rompeu-se, e teve de a deitar fora.

Quando chegou a noite e o macaco sentiu frio, quis a camisa de volta, mas o músico já não a tinha porque a camisa tinha-se rompido. Então, tirou a viola ao músico e fugiu.

O macaco subiu então para cima do telhado e cantou:

«Do rabo fiz navalha,
da navalha fiz sardinha,
da sardinha fiz farinha,
da farinha fiz menina,
da menina fiz camisa,
da camisa fiz viola,
tlim, tlim, tlim
e eu vou para Angola
tlim, tlim, tlim
e eu vou para Angola.»

O Pinto Borrachudo

Era uma vez um pinto borrachudo que andava a esgravatar num monte de terra e achou lá uma bolsa de moedas e disse:

— Vou levar esta bolsa ao rei.

Pôs-se a caminho com a bolsa no bico; mas, como tivesse de atravessar um rio e não pudesse, disse:

— Ó rio, arreda-te para eu passar!

Mas o rio continuou a correr e ele bebeu a água toda.

Foi mais para diante e viu uma raposa no caminho e disse-lhe:

— Deixa-me passar!

Como a raposa não se moveu, comeu-a.

Foi andando e encontrou um pinheiro e disse-lhe:

— Arruma-te para eu passar.

Como ele não se arrumasse, engoliu-o.

Mais adiante encontrou um lobo e comeu-o; depois encontrou uma coruja e fez-lhe o mesmo.

Chegado ao palácio do rei, disse que lhe queria falar e entregou-lhe a bolsa das moedas e o rei ordenou logo que o metessem na capoeira das galinhas e que o tratassem muito bem. O borrachudo, logo que ali se viu, começou a cantar:

— Qui qui ri qui!

Minha bolsa de moedas

Quero para aqui!

E como visse que lha não levavam, lançou a raposa que tinha

engolido, e ela comeu as galinhas todas.

Foram dar parte ao rei do sucedido e ele ordenou que metessem o borrachudo dentro da cantoneira. Cumpriram-se as ordens, mas o borrachudo continuou sempre a cantar:

— Qui qui ri qui!

Minha bolsa de moedas

Quero para aqui!

Depois, como não lhe levassem o dinheiro, lançou o pinheiro e os copos da cantoneira foram todos quebrados.

Então o rei ordenou que metessem o borrachudo na cavalariça, e ele sempre cantando:

— Qui qui ri qui!

Minha bolsa de moedas

Quero para aqui!

Lançou fora o lobo e o lobo comeu os cavalos. O rei mandou então que o metessem no pote do azeite, mas ele lançou lá a coruja e ela bebeu o azeite.

Então o rei, não sabendo já o que havia de fazer, mandou que aquecessem o forno e que metessem lá o borrachudo; mas ele, mesmo dentro do forno, começou a gritar:

— Qui qui ri qui!

Minha bolsa de moedas

Quero para aqui!

E foi lançando a água do rio que tinha bebido; e já o palácio do rei estava a afundar-se, quando o rei ordenou que fossem levar a bolsa de moedas ao borrachudo e o mandassem embora, antes que ele lançasse o rio todo.

E lá se foi embora outra vez o borrachudo com a bolsa de moedas no bico.

A Formiga e a Neve

Uma formiga prendeu o pé na neve.

Ó neve, tu és tão forte que o meu pé prendes!

Responde a neve:

Tão forte sou eu que o Sol me derrete.

Ó Sol, tu és tão forte que derretes a neve que o meu pé prende!

Responde o Sol:

Tão forte sou eu que a parede me impede.

Ó parede, tu és tão forte que impedes o Sol, que derrete a neve, que o meu pé prende!

Responde a parede:

Tão forte sou eu que o rato me fura.

Ó rato, tu és tão forte que furas a parede, que impede o Sol, que derrete a neve, que o meu pé prende!

Responde o rato:

Tão forte sou eu que o gato me come.

Ó gato, tu és tão forte que comes o rato, que fura a parede, que impede o Sol, que derrete a neve que o meu pé prende!

Responde o gato:

Tão forte sou eu que o cão me morde.

Ó cão, tu és tão forte que mordes o gato, que come o rato, que fura a parede, que impede o Sol, que derrete a neve que o meu pé prende!

Responde o cão:

Tão forte sou eu que o pau me bate.

Ó pau, tu és tão forte que bates no cão, que morde o gato, que come o rato, que fura a parede, que impede o Sol, que derrete a neve que o meu pé prende!

Responde o pau:

Tão forte sou eu que o lume me queima.

Ó lume, tu és tão forte que queimas o pau, que bate no cão, que morde o gato, que come o rato, que fura a parede, que impede o Sol, que derrete a neve que o meu pé prende!

Responde o lume:

Tão forte sou eu que a água me apaga.

Ó água, tu és tão forte que apagas o lume, que queima o pau, que bate no cão, que morde o gato, que come o rato, que fura a parede, que impede o Sol, que derrete a neve que o meu pé prende!

Responde a água:

Tão forte sou eu que o boi me bebe.

Ó boi, tu és tão forte que bebes a água, que apaga o lume, que queima o pau, que bate no cão, que morde o gato, que come o rato, que fura a parede, que impede o Sol, que derrete a neve que o meu pé prende!

Responde o boi:

Tão forte sou eu que o carniceiro me mata.

Ó carniceiro, tu és tão forte que matas o boi, que bebe a água, que apaga o lume, que queima o pau, que bate no cão, que morde o gato, que come o rato, que fura a parede, que impede o Sol, que derrete a neve que o meu pé prende!

Responde o carniceiro:

Tão forte sou eu que a morte me leva.

O Príncipe Sapo

Era uma vez um rei que não tinha filhos e tinha muita paixão por isso, e a mulher disse que Deus lhe desse um filho mesmo que fosse um sapo.

Houve de ter um filhinho como um sapo; depois botaram as folhas a ver se havia quem o queria criar, mas ninguém se animava a vir. O rei, vendo que o sapito do filho não havia quem o queria criar, anunciou que, se houvesse alguma mulher que o quisesse criar, lho dava em casamento e lhe dava o reino. Nisto aí apareceu uma rapariga e disse:

— Se Vossa Real Majestade me dá o filho, eu animo-me a vi-lo criar.

O rei disse que sim e a rapariga veio criar o sapito. Depois passou algum tempo e ele foi crescendo e ela lavava-o e esmerava-o como se ele fosse uma criança. Foi indo e ele tinha uns olhos muito bonitos e falava, e a rapariga dizia:

— Os olhos dele e a fala não são de sapo.

Já estava grande, passaram-se anos e ela, uma noite, teve um sonho em que lhe diziam ao ouvido que o sapo era gente, mas pela grande heresia que a mãe disse que estava formado em sapo, que se o rei lho desse para ela casar com ele que casasse e quando fosse na primeira noite que se fosse deitar, que ele tinha sete peles e ela levasse sete saias e quando ele dissesse: «Tira uma saia», lhe dissesse ela: «Tira uma pele.»

Assim foi e casou o sapo com a rapariga e na noite do casamento ele pediu-lhe que tirasse ela as saias e ela foi-lhe pedindo que tirasse as peles e depois de ele as tirar ficou um homem.

Ao outro dia ele tornou a vestir as peles e ficou outra vez sapo. E ela disse-lhe:

— Tu para que vestes as peles? Assim és tão bonito e vais ficar sapo.

— Assim me é preciso, cala-te.

Ela, assim que se pôs a pé, foi contar tudo à rainha, e o rei mais a rainha disseram-lhe:

— Quando hoje te deitares, diz-lhe o mesmo e depois de ele tirar as peles e estar a dormir, deixa a porta do quarto aberta que nós queremos ir vê-lo.

Foram-no ver e viram que ele era homem. Ao outro dia o príncipe tornou a vestir as peles e vai o pai disse-lhe:

— Tu, porque vestes as peles e queres ser feio?

— Eu quero ser sapo, porque o meu pai tem mão interior e, se eu fico bonito, impõem a minha mulher.

O rei disse-lhe:

— Eu não a impunha, mas queria que tu ficasses bonito.

Depois, como viram que ele não queria deixar de ser sapo, pediram a ela que, assim que ele adormecesse, lhes trouxesse as peles para eles as queimarem. Ela assim fez e eles botaram as peles ao fogo aceso. De manhã vai ele para vestir as peles e não as acha.

— Que é das peles?

— Vieram aqui o teu pai e a tua mãe e levaram-nas.

— Mal hajas tu se lhas destes, mais quem te deu o conselho. Adeus. Se alguma vez me tornares a ver, dá-me um beijo na boca.

A mulherzinha ficou mas o rei e a mulher, assim que viram que o filho faltou, puseram-na fora da porta. Ela, coitada, não tinha com que se tratar; o que era do rei lá ficou e ela estava muito pobrezinha. A todas as pessoas que via perguntava se tinham visto um homem assim e assim e lá lhe dava as notícias do príncipe. Vieram por onde ela estava uns cegos e ela fez-lhes a pergunta. Os moços dos cegos disseram-lhe:

— Nós vimos no rio Jordão um homem e certamente era ele; estava botando fatias de pão para trás das costas e dizendo: «Pela alma de meu pai, pela alma de minha mãe, pela alma de minha mulher.»

Ela disse-lhes:

— Vocês quando tornam para essa banda?

— Nós para o fim do outro mês voltamos para lá; havemos de passar por esse rio.

A mulherzinha aprontou-se e foi com eles. Chegou lá e era o príncipe.

Ela chegou ao pé dele e deu-lhe o beijo na boca como ele tinha dito e disse-lhe:

— Ora vamos embora, que se acabou o nosso fado.

E foram para casa e foram muito felizes e tiveram muitos filhos.

O Coelhinho Branco

Era uma vez
Um coelhinho
Que foi à sua horta
Buscar couves
Pra fazer um caldinho.

Quando o coelhinho branco voltou para casa depois de vir da horta, chegou à porta e achou-a fechada por dentro; bateu e perguntaram-lhe de dentro: — «Quem é?»

O coelhinho respondeu:

Sou eu, o coelhinho,
Que venho da horta
E vou fazer um caldinho.

Responderam-lhe de dentro:

E eu sou a cabra cabrês
Que te salto em cima
E te faço em três.

Foi-se o coelhinho por aí fora muito triste e encontrou um boi e disse-lhe:

Eu sou o coelhinho
Que tinha ido à horta
E ia para casa
Fazer o caldinho;
Mas quando lá cheguei

Encontrei a cabra cabrês

Que me salta em cima

E me faz em três.

Responde o boi: «Eu não vou lá que tenho medo.» Foi o coelhinho andando e encontrou um cão e disse-lhe:

Eu sou o coelhinho, *etc.*

Responde o cão: «Eu não vou lá que tenho medo.» Foi mais adiante o coelhinho e encontrou um galo, a quem disse também:

Eu sou o coelhinho, *etc.*

Responde o galo: «Eu não vou lá que tenho medo.»

Foi-se o coelhinho muito mais triste, já sem esperanças de poder voltar para casa, quando encontrou uma formiga que lhe perguntou: «Que tens tu, coelhinho?»

Eu vinha da horta, *etc.*

Responde a formiga: «Eu vou lá e veremos como isso há de ser.» Foram ambos e bateram à porta; diz-lhe a cabra cabrês lá de dentro:

Aqui ninguém entra

Está cá a cabra cabrês

Que lhes salta em cima

E os faz em três.

Responde a formiga:

Eu sou a formiga rabiga,

Que te tiro as tripas

E furo a barriga.

Dito isto, a formiga entrou pelo buraco da fechadura, matou a cabra cabrês, abriu a porta ao coelhinho, foram fazer o caldinho e

ficaram vivendo juntos, o coelhinho branco e a formiga rabiga.

O Príncipe com Orelhas de Burro

Era uma vez um rei que vivia muito triste por não ter filhos e mandou chamar três fadas para que fizessem com que a rainha lhe desse um filho. As fadas prometeram-lhe que os seus desejos seriam satisfeitos e que elas viriam assistir ao nascimento do príncipe. Ao fim de nove meses deu a rainha à luz um filho e as três fadas fadaram o menino. A primeira fada disse :«Eu te fado para que sejas o príncipe mais formoso do mundo.» A segunda fada disse: «Eu te fado para que sejas muito virtuoso e entendido.» A terceira fada disse: «Eu te fado para que te nasçam umas orelhas de burro.»

Foram-se as três fadas e logo apareceram ao príncipe as orelhas de burro. O rei mandou sem demora fazer um barrete que o príncipe devia usar para lhe cobrir as orelhas. Crescia o príncipe em formosura e ninguém na corte sabia que ele tinha as tais orelhas de burro. Chegou a idade em que ele tinha de fazer a barba, e então o rei mandou chamar o seu barbeiro e disse-lhe: «Farás a barba ao príncipe, mas se disseres a alguém que ele tem orelhas de burro, morrerás.»

Andava o barbeiro com grandes desejos de contar o que vira, mas com receio de que o rei o mandasse matar, calava consigo. Um dia foi-se confessar e disse ao padre: «Eu tenho um segredo que me mandaram guardar, mas eu se não o digo a alguém morro, e se o digo o rei manda-me matar; diga, padre, o que hei de fazer.»

Responde-lhe o padre que fosse a um vale, que fizesse uma cova na terra e que dissesse o segredo tantas vezes até ficar aliviado desse peso e que depois tapasse a cova com terra. O barbeiro assim fez; e, depois de ter tapado a cova, voltou para casa muito cansado.

Passados algum tempo, nasceu um canavial onde o barbeiro tinha feito a cova. Os pastores, quando ali passavam com os seus rebanhos, cortavam canas para fazer gaitas, mas quando tocavam nelas umas vozes que diziam: «Príncipe com orelhas de burro.»

Começou a espalhar-se esta notícia pela cidade e o rei mandou vir à sua presença um dos pastores para que tocasse na gaita; e saíam sempre as mesmas vozes que diziam: «Príncipe com orelhas de burro.» O próprio rei também tocou e sempre ouvia as vozes. Então o rei mandou chamar as fadas e pediu-lhes que tirassem as orelhas de burro ao príncipe.

Então elas mandaram reunir a corte toda e ordenaram ao príncipe que tirasse o barrete; mas qual não foi o contentamento do rei, da rainha e do príncipe ao ver que já lá não estavam as tais orelhas de burro! Desde esse dia as gaitas que os pastores faziam das canas do tal canavial deixaram de dizer: «Príncipe com orelhas de burro.»

História do Compadre Rico e do Compadre Pobre

Moravam numa aldeia dois compadres. Um era pobre e o outro rico, mas muito miserável.

Naquela terra era uso todos quantos matavam porco dar um lombo ao abade. O compadre rico, que queria matar porco sem ter de dar o lombo, lamentou-se ao pobre, dizendo mal de tal uso.

Este deu-lhe de conselho que matasse o porco e o dependurasse no quintal, recolhendo-o de madrugada, para depois dizer que lho tinham roubado.

Ficou muito contente com aquela ideia e seguiu à risca o que o compadre pobre lhe tinha dito.

Depois deitou-se com tenção de ir de madrugada ao quintal buscar o porco. Mas o compadre pobre, que era espertalhão, foi lá de noite e roubou-lho. No dia seguinte, quando o rico deu pela falta do porco, correu a casa do compadre pobre e muito aflito contou-lhe o acontecido.

Este, fazendo-se desentendido, dizia-lhe:

— Assim, compadre! Bravo! Muito bem, muito bem! Assim é que há de dizer para se esquivar de dar o lombo ao abade!»

O rico cada vez teimava mais ser certo terem-lhe roubado o porco; e o pobre cada vez se ria mais, até que aquele saiu

desesperado, porque o não entendiam.

O que roubou o porco ficou muito contente e disse à mulher: «Olha, mulher, desta maneira também havemos de arranjar vinho. Tu hás de ir a correr e a chorar para casa do compadre, fingindo que eu te quero bater; levas um odre debaixo do fato, e quando sentires a minha voz, foges para a adega do compadre e enquanto eu estou falando com ele, enches o odre de vinho e foges pela outra porta para casa.» A mulher, fingindo-se muito aflita, correu para casa do compadre, pedindo que lhe acudisse, porque o marido a queria matar. Nisto ouviu a voz do marido e correu para a adega do compadre, e enquanto este diligenciava apaziguar-lhe a ira, enchia ela o odre. Tinha-lhe esquecido, porém, um cordão para o atar, mas tendo uma ideia gritou para o marido:

— Ah! Goela de odre sem nagalho!

O marido, que entendeu, respondeu-lhe:

— Ah, grande atrevida!... Que se lá vou abaixo, com a fita do cabelo te hei de afogar!

Ela, apenas isto ouviu, desatou logo o cabelo, atou com a fita a boca do odre e fugiu com ela para casa. Desta maneira tiveram porco e vinho sem lhes custar nada, e enganaram o avarento do compadre.

(Beira Baixa)

Bela-Menina

Era uma vez um homem; vivia numa cidade e trazia navegações no mar, e depois foi ele e deu em decadência por se lhe perderem as navegações. Ele teve o seu pesar e não podia viver com aquela decência com que vivia no povoado e tinha umas terrinhas na aldeia e disse para a mulher e para as filhas:

— Não temos remédio senão irmos para as nossas terrinhas; se vivemos com menos decência que até aqui, somos pregoados dos nossos inimigos.

A mulher e uma filha aceitaram, mas as outras duas filhas começaram a chorar muito. E depois foram. A que tinha ido de sua vontade era a mais nova e chamava-se Bela-Menina; cantava muito e era a que cozinhava e ia buscar erva para o gado, de pés descalços; as outras metiam-se no quarto e não faziam senão chorar. Quando o pai ia para alguma parte, as mais velhas sempre pediam que lhes trouxesse alguma coisa e a mais nova não lhe pedia nada. Vai nisto, veio-lhe uma carta de um amigo dizendo que as navegações que vinham aí, que tiveram notícia e que fosse vê-las.

O homem caminhou mais um criado saber das tais navegações; quando saiu, disseram as suas filhas mais velhas que, se as navegações fossem as dele, lhes levasse algumas coisas que lhe declararam. E ele disse à mais nova:

— Ora todas me pedem que lhes traga alguma coisa. Só tu não

me pedes nada?

— Vou pedir-lhe também uma coisa; onde o meu pai vir o mais belo jardim, traga-me a mais bela flor que lá houver.

O pai foi e chegou a uma cidade e reconheceu que as navegações não eram dele e foi-se embora com a bolsa vazia. Chegou a um monte e anoiteceu-lhe; ele viu uma luz e dirigiu-se para ela a ver se encontrava quem o acolhesse. Chegou lá e viu uma casa grande e estropeou à porta; não lhe falaram; tornou a estropear; não lhe falaram. E disse ao moço:

— Vai aí pelo portal de baixo ver se vês alguém.

O moço foi e voltou:

— Veio lá muitas luzes dentro e cavalos a comer e penso para lhe botar; mas não veio ninguém.

Então o homem mandou meter o cavalo na cavalariça e entraram na cozinha. Acharam lá que comer e, como a fome não era pequena, foram comendo muito. E nisto aí vem por essa casa adiante uma coisa fazendo um grande ruído, assim como umas cadeias que vinham a rastos pela casa adiante e depois chegou ao pé deles um bicho de rastos e disse-lhes:

— Boas-noites.

Eles puseram-se a pé com medo e disseram-lhe:

— Nós viemos aqui por não acharmos abrigo nem que comer noutra parte; mas não vimos fazer mal a ninguém.

— Deixai-vos estar e comei.

Demorou-se um pouco o bicho e disse-lhes:

— Ora ide-vos deitar que eu também vou para o meu curral.

E começou-se a arrastar pela cozinha e foi. Ao outro dia o

homem foi ao jardim, que era o mais belo que tinha visto, e disse:
— Já que não posso levar nada para as minhas filhas mais velhas, quero ao menos levar a flor para a Bela-Menina...
Estava a cortar a flor e nisto o bicho salta-lhe:
— Ah, ladrão! Depois de eu te acolher em minha casa, tu vens-me colher o meu sustento, que eu não me sustento senão em rosas.
E ele disse:
— Eu fiz mal, fiz; mas eu tenho lá uma filha que me pediu que lhe levasse a mais bela flor que eu visse na viagem, e não podendo levar nada às outras filhas, queria ao menos levar a flor; mas se a quereis ela aí fica.
— Não, levai-a e se me trouxerdes cá essa filha, ficais ricos.
O homem caminhou e chegou a casa muito apaixonado por não trazer nada às outras filhas e não achar as navegações e pegou na flor e deu-a à Bela-Menina.
A filha, assim que viu a flor, disse:
— Oh, que bela flor! Onde a achou, meu pai?
O pai contou-lhe o que vira e a filha disse:
— Ó meu pai, eu quero ir ver.
— Olha que o bicho fala e disse também que te queria ver.
— Pois vamos.
E foram.
A filha, assim que viu o tal bicho, disse:
— Ó pai, eu quero cá ficar com este bicho, que ele é muito bonito.
O pai teve a sua pena, mas deixou-a. Passado algum tempo, ela

disse:

— Ó meu bichinho, tu não me deixas ir ver os meus pais?

E ele disse-lhe:

— Não, tu não vais lá por ora; teu pai vem cá.

O pai veio e disse ao bicho:

— Eu queria levar a rapariga.

— Não me leves daqui a rapariga, senão eu morro e tu vai ali àquela porta e abre-a e leva dali a riqueza que tu quiseres e casa as tuas filhas.

O homem que mais quis?

Um dia o bicho disse à Bela-Menina:

— A tua irmã mais velha lá vem de se receber; tu queres vê-la?

— Quero.

— Vai ali e abre aquela porta.

Ela foi e viu a irmã com o noivo e os pais.

— Agora deixa-me ir ver o meu cunhado.

— Eu deixava, deixava; mas tu não tornas.

— Torno; dá-me só três dias que eu em um dia e meio chego lá e torno cá noutro dia e meio.

— Se não vieres nestes três dias, quando voltares achas-me morto.

Ela foi; no fim dos três dias ela veio, mas tardou mais um pouquito que os três dias; ela foi ao jardim e viu-o deitado como morto.

Chegou ao pé dele, «Ai meu bichinho!» E começou a chorar. Ele caiu e ela disse:

— Coitadinho, está morto; vou dar-lhe um beijinho.

E deu-lhe um beijo, mas o bicho fez-se um belo rapaz.
Era um príncipe encantado que ali estava e que casou com ela.

Comadre Morte

Havia um homem que tinha tantos filhos, tantos que não havia ninguém na freguesia que não fosse compadre dele e vai a mulher teve mais um filho. Que havia o homem de fazer? Foi por esses caminhos fora a ver se encontrava alguém que convidasse para compadre.

Encontrou um pobrezito e perguntou-lhe se queria ser compadre dele.

— Quero; mas tu sabes quem eu sou?

— Eu sei lá; o que eu quero é alguém para padrinho do meu filho.

— Pois, olha, eu cá sou Deus.

— Já me não serves; porque tu dás a riqueza a uns e a pobreza a outros.

Foi mais adiante; e encontrou uma pobre e perguntou-lhe se queria ser comadre dele.

— Quero; mas sabes tu quem eu sou?

— Não sei.

— Pois, olha, eu cá sou a Morte.

— És tu que me serves, porque tratas a todos por igual.

Fez-se o batizado e depois disse a Morte ao homem:

— Já que tu me escolheste para comadre, quero-te fazer rico. Tu fazes de médico e vais por essas terras curar doentes; tu entras e se vires que eu estou à cabeceira é sinal que o doente não escapa

e escusas de lhe dar remédio; mas se estiver aos pés é porque escapa; mas livra-te de querer curar aqueles a que eu estiver à cabeceira, porque te dou cabo da pele.

Assim foi. O homem ia às casas e se via a comadre à cabeceira dos doentes abanava as orelhas; mas se ela estava aos pés receitava o que lhe parecia. Vejam lá se ele não havia de ganhar fama e patacaria, que era uma coisa por maior! Mas vai uma vez foi a casa dum doente muito rico e a Morte estava à cabeceira; abanou as orelhas; disseram-lhe que lhe davam tantos contos de réis se o livrasse da Morte e ele disse:

— Deixa estar que eu te arranjo, e pega no doente e muda-o com a cabeça para onde estavam os pés e ele escapa.

Quando ia para casa sai-lhe a comadre ao caminho:

— Venho buscar-te por aquela traição que me fizeste.

— Pois, então, deixa-me rezar um padre-nosso antes de morrer.

— Pois reza.

Mas ele rezar; qual rezou! Não rezou nada e a Morte para não faltar à palavra foi-se sem ele.

Um dia o homem encontra a comadre que estava por morta num caminho; e ele lembrou-se do bem que ela lhe tinha feito e disse:

— Minha rica comadrinha, que estás aqui morta; deixa-me rezar-te um padre-nosso por tua alma.

Depois de acabar, a Morte levantou-se e disse:

— Pois já que rezaste o padre-nosso, vem comigo.

O homem era esperto; mas a Morte ainda era mais; pois não era?

Os Dois Irmãos

Era uma vez dois irmãos que eram soldados num exército estrangeiro, mas que eram tão maltratados que até fome passavam. Um dia disse o mais novo para o mais velho:

Irmão, isto não se pode sofrer; é melhor nós fugirmos e irmos correr esse mundo de Cristo.

Respondeu o mais velho:

Não, que nos podem apanhar e castigar-nos.

O mais novo, porém, não o quis atender e um belo dia fugiu. Caminhou, caminhou sem encontrar que comer até que foi ter à porta de uma grande quinta onde avistou um formoso pomar em que as laranjeiras vergavam ao peso das laranjas. Bateu à porta e tornou a bater e como lha não viessem abrir, resolveu-se a saltar o muro para ir comer laranjas. Como não lhe aparecesse ninguém, ele comeu a fartar e escondeu entre o fato as laranjas que pôde, para continuar a sua jornada; mas, ao chegar ao muro por onde tinha entrado, por mais esforços que fizesse não lhe foi possível saltar e ouviu uma voz que lhe dizia:

Para fora não, para dentro sim.

Ele respondeu:

Se é pelas laranjas, elas aí ficam.

E dito isto, deitou no chão as laranjas que levava consigo.

Passaram-se muitas horas e ele, vendo que não conseguia sair,

foi passear pela quinta e então depararam-se-lhe vistosos jardins, lindos pomares e verdes hortas.

Estava já cansado de tanto andar, até que chegou a um lindo palácio e entrou e foi dizendo:

Com licença, com licença.

Ninguém lhe respondia.

Afinal foi ter a uma sala onde encontrou uma linda menina que estava bordando. Ele desfez-se em desculpas e contou-lhe o que lhe tinha sucedido; ela então respondeu-lhe que não tinha nada a desculpar, antes estimava muito vê-lo e que, se ele quisesse, podia ficar naquele palácio. Como se decidisse a ficar, ela levou-o a uma varanda e mostrou-lhe os jardins, hortas e pomares, e, como ele se mostrasse maravilhado de tudo quanto via, perguntou-lhe ela o que de tudo quanto tinha visto desde que entrara no palácio lhe tinha mais agradado. O rapaz, como a fome apertasse, respondeu que o que mais lhe agradava eram as couves que ele via na horta.

À ceia mandou a menina que lhe apresentassem na mesa um prato de couves e combinou com a criada que quando estivessem à mesa apagasse ela a luz. Estavam pois a menina e o rapaz para cear e a criada, fingindo que ia espevitar a luz, apagou-a; então a menina levantou-se e disse:

Cada qual se agarre à coisa de que mais gostar.

E o soldado agarrou-se ao prato das couves. A menina, despeitada, disse-lhe:

Visto que gostais tanto de couves, é bem que eu vos mostre as que ainda não viste.

E nisto conduziu-o a uma varanda que deitava para um curral de porcos e deitou-o para lá.

Por mais que o pobre soldado pedisse à menina que o tirasse dali, ela não o quis atender e lá o deixou até ao dia seguinte.

O irmão mais velho do rapaz, quando deu pela falta dele, fugiu também; seguiu os mesmos caminhos que o irmão seguira e sucederam-lhe as mesmas aventuras; quando, porém, a menina do palácio lhe disse que se agarrasse àquilo de que mais gostasse, ele agarrou-se a ela e disse-lhe que de tudo o que vira no palácio e na quinta era ela que mais lhe agradara. Então a menina respondeu-lhe que estava encantada naquele palácio até que lá fosse ter um homem que gostasse mais dela do que das riquezas que a cercavam; que era filha de um rei, o qual determinara que houvesse um torneio para ela escolher entre os cavaleiros o que devia ser seu esposo e portanto que se apresentasse ele muito bem vestido, que entre todos só havia de escolher a ele.

À noite mandou a princesa preparar uma rica cama em quarto fronteiro ao dela; mas ele, quando ia para se deitar, em vez de ir para o quarto que lhe destinaram, foi para o da princesa.

Esta, quando lá o viu, disse-lhe:

Enganaste-te, que não era este o quarto que te estava destinado, mas fica, pois vais em breve ser meu esposo.

Depois contou-lhe o que sucedera com o outro soldado e ele logo de madrugada pediu para o ir ver e, ao reconhecer o seu irmão, pediu à princesa que lhe desse a liberdade, o que ela fez, dando-lhe muitas riquezas e mandando-o que seguisse o seu caminho.

No dia seguinte disse ao seu escolhido que era preciso que ele saísse do palácio e que fosse para tal hospedaria, que, em sendo o dia do torneio, o iria avisar, pois convinha que o rei seu pai não soubesse o que se tinha passado. Depois de se abraçarem, separaram-se.

O soldado foi ter à tal hospedaria e, como a dona da casa tivesse uma filha muito linda e como ela percebesse que o soldado tinha muito dinheiro, tais artes empregaram para prender o rapaz na hospedaria que até lhe deram a beber água com dormideiras a ponto que ele não podia acordar e dormia de noite e de dia.

Como se aproximasse o dia do torneio, a princesa foi procurar o soldado e responderam-lhe que estava a dormir. A princesa, para não o acordar, voltou no dia seguinte e deram-lhe a mesma resposta. Ela então foi ter ao quarto onde ele estava e escreve-lhe no punho da camisa: «Tal dia é o torneio.» Ele, quando acordou, reparou no que estava escrito no punho da camisa, recordou-se do ajuste e levantou-se da mesa sem atender às donas da casa, que lhe pediam que antes de partir bebesse uma gota de água. Elas queriam era pô-lo a dormir.

Chegado o dia do torneio, o soldado vestiu um fato mais rico ainda do que o dos fidalgos que iam ao torneio; montou um rico cavalo e foi passear debaixo da janela da princesa, mas ia tão bem vestido que ela não o conheceu. Então, o rei perguntou à princesa qual era o seu escolhido, ao que ela respondeu que o seu escolhido não aparecera.

Findas o torneio, convidou o rei todos os cavaleiros para jantar. O soldado foi sentar-se perto da princesa, e mostrou-lhe a

manga da camisa e então ela, levantando-se, disse, indicando o soldado: «Eis aqui o escolhido do meu coração; é este o único homem que me preferiu às riquezas que me cercam.» Casaram e viveram no meio das maiores felicidades.

O Compadre Lobo e a Comadre Raposa

Era uma vez um homem casado com uma mulher chamada Maria, e tinham por compadres um lobo e uma raposa. Um dia disseram eles ao lobo e à raposa:

Olhem, compadres, é preciso fazer uma grande festa cá em casa e por isso vê tu, compadre, se me trazes alguns carneiros e ovelhas para o jantar, e tu, comadre raposa, arranja galinhas e patos, pois nós queremos que o banquete seja falado em toda a vizinhança.

O lobo e a raposa responderam:

Oh, fiquem descansados, compadres, que não lhes há de faltar o que desejam.

Desde esse dia o lobo e a raposa todas as noites levaram gado para casa dos compadres, de sorte que eles já não cabiam em si de contentes. Chegado o dia da festa, lá foram o lobo e a raposa assistir à função, e, quando chegaram, viram que os compadres tinham uma grande caldeira de água a ferver e um espeto metido no fogo. O lobo perguntou:

Ó comadre, para que é esse espeto?

É para assar as galinhas — respondeu a Maria.

E palavras não eram ditas, o homem a pegar na caldeira e a deitar a água a ferver em cima do lobo e a mulher a meter o espeto pelos olhos da raposa. Escusado é dizer que ao lobo lhe caiu a pele

e a raposa ficou cega.

Passara-se já bastante tempo e os compadres nem se lembravam do tinham feito, quando o homem, andando um dia no mato a apanhar lenha, viu correr para ele o compadre lobo e receando que ele o matasse subiu para cima de uma árvore.

Então o lobo disse-lhe de baixo:

Tu pensas que me escapas! Espera que eu te ensino.

E dito isto, começou a chamar pelos outros lobos e logo vieram muitos e ele então disse-lhes:

É preciso matar aquele homem que ali está em cima e para lá chegar é preciso que se ponham todos em cima uns dos outros; eu ficarei por baixo, porque tenho mais força.

Já os lobos, postos uns sobre os outros, estavam quase a chegar ao compadre quando ele gritou com toda a força: «ó Maria, traz cá a caldeira de água a ferver.» O lobo, logo que isto ouviu, pernas para que te quero e os outros que estavam sobre ele caíram todos no chão; depois, desesperados, correram sobre o lobo que tinha fugido e castigaram-no.

O compadre voltou para casa e contou tudo à mulher e nunca mais quiseram voltar ao mato. Pudera. Tão maus haviam sido para o lobo e a raposa que passaram a ter medo deles.

AVelha e os Lobos

Uma velha tinha muitos netos, um dos quais estava ainda por batizar. Um dia, a boa velhinha saiu a procurar um padrinho para o seu netinho e no caminho encontrou um lobo que perguntou:

— Onde vais tu, velha?

Ao que ela respondeu:

— Vou arranjar um padrinho para o meu neto.

— Ó velha, olha que eu como-te.

— Não me comas que, quando se batizar o meu menino, dou-te arroz-doce.

Foi mais adiante e encontrou outro lobo que lhe fez a mesma pergunta e ela deu-lhe a mesma resposta. Depois encontrou um homem que lhe perguntou o que ela ia fazer e, como ela lhe respondesse que ia procurar um padrinho para o seu neto, ele ofereceu-se logo para isso. Depois a velha contou-lhe o encontro que tinha tido com os lobos e o homem deu-lhe uma grande cabaça e disse-lhe que se metesse dentro dela que assim viria ter a casa sem que os lobos a vissem. A velha meteu-se na cabaça e esta começou a correr, a correr, até que encontrou um lobo que lhe perguntou:

— Ó cabaça, viste por aí uma velha?

Não vi velha nem velhinha;

Não vi velha nem velhão;

Corre, corre, cabacinha,

Corre, corre, cabação.

Mais adiante encontrou outro lobo que lhe perguntou também:

— Ó cabaça, viste por aí uma velha?

Não vi velha nem velhinha;
Não vi velha nem velhão;
Corre, corre, cabacinha,
Corre, corre, cabação.

A velha, julgando que já estava longe dos lobos, deitou a cabeça fora da cabaça, mas os lobos que a seguiam, saltaram-lhe em cima e comeram-na.

A Romãzeira do Macaco

Era uma vez um macaco que estava em cima de uma oliveira a comer uma romã; sucedeu que caiu um grão da romã para a terra em que estava a oliveira e, passado pouco tempo, nasceu uma romãzeira. Quando o macaco viu a romãzeira nascida, foi-se ter com o dono da oliveira e disse-lhe:

Arranca a tua oliveira para crescer a minha romãzeira.

Responde o homem:

Não estou para isso.

Foi-se o macaco ter com a justiça e disse-lhe:

Justiça, prende o homem para que arranque a oliveira, para crescer a minha romãzeira.

Responde a justiça:

Não estou para isso.

Foi-se o macaco ter com o rei e disse-lhe:

Rei, tira a vara à justiça, para ela prender o homem, para ele arrancar a oliveira, para crescer a minha romãzeira.

Responde o rei:

Não estou para isso.

Foi o macaco ter com a rainha:

Rainha, põe-te mal com o rei, para ele tirar a vara à justiça, *etc.*

Responde a rainha:

Não estou para isso.

Foi-se ter com o rato:

Rato, rói as fraldas à rainha, para ela se pôr de mal com o rei, *etc.*

Responde o rato:

Não estou para isso.

Foi-se ter com o gato:

Ó gato come o rato, para ele roer as fraldas à rainha, *etc.*

Responde o gato:

Não estou para isso.

Foi-se ter com o cão:

Ó cão, morde o gato, para ele comer o rato, *etc.*

Responde o cão:

Não estou para isso.

Foi ao pau e disse-lhe:

Pau, bate no cão, para o cão morder o gato, *etc.*

Não estou para isso.

Foi ter com o lume:

Lume, queima o pau, para ele bater no cão, *etc.*

Não estou para isso.

Foi ter com a água:

Ó água, apaga o lume para ele queimar o pau, *etc.*

Não estou para isso.

Foi ao boi:

Ó boi, bebe a água para ela apagar o lume, *etc.*

Não estou para isso.

Foi ao carniceiro:

Carniceiro, mata o boi para ele beber a água, *etc.*

Não estou para isso.

Foi ter com a morte:

Ó morte, leva o carniceiro, para ele matar o boi, *etc.*

A morte ia para levar o carniceiro e ele disse-lhe:

Não me leves que eu mato o boi.

Disse o boi:

Não me mates que eu bebo a água.

Disse a água:

Não me bebas que eu apago o lume.

Disse o lume:

Não me apagues que eu queimo o pau.

Disse o pau:

Não me queimes que eu bato no cão.

Disse o cão:

Não me batas que eu mato o gato.

Disse o gato:

Não me mordas que eu como o rato.

Disse o rato:

Não me comas que eu roo as fraldas à rainha.

Disse a rainha:

Não me roas as fraldas que eu ponho-me de mal com o rei.

Disse o rei:

Não te ponhas mal comigo que eu tiro a vara à justiça.

Disse a justiça:

Rei, não me tires a vara que prendo o homem.

Disse o homem:

Justiça, não me prendas que eu arranco a oliveira.

E o homem arrancou a oliveira e o macaco ficou com a sua

romãzeira.

A Cacheirinha

Era uma vez um homem que tinha muitos filhos e era muito pobre, e como não tivesse em que ganhar pão para lhes dar, foi para criado de certo rei, para ver se assim podia sustentar melhor os filhos.

Ao fim de um ano de serviço, disse ele ao rei:

— Senhor, peço que me deis a paga do meu serviço, pois quero ir viver com os meus filhos e mulher, de quem estou separado há um ano.

Então o rei disse-lhe:

— Não te pago em dinheiro, mas leva essa mesa, e toda a vez que queiras comer dirás: «Põe-te, mesa», e terás comer para ti e teus filhos.

Foi-se o homem muito contente e no caminho teve fome, e então disse: «Põe-te, mesa» e logo apareceu a mesa coberta de ricos manjares.

Comeu o homem à farta, e dos sobejos ainda repartiu com algumas pessoas pobres que encontrou no caminho. Como porém anoitecesse, o homem foi pernoitar a uma estalagem, e à vista do estalajadeiro ordenou à mesa que se pusesse, e logo apareceram novamente ricos manjares. O estalajadeiro, vendo isto, esperou que o homem estivesse dormindo, e trocou a mesa por outra igual no feitio, mas que não tinha o condão daquela.

Levantou-se o homem de madrugada, pegou na mesa às costas e foi para casa da mulher e dos filhos. Ao chegar ali, disse:

—Meus queridos filhos e minha querida mulher, já não precisamos de trabalhar para comer, pois el-rei deu-me uma mesa que nos apresenta comer todas as vezes que eu quiser.

Então a mulher e os filhos, que estavam cheios de fome, disseram que lhes desse de comer; mas debalde o homem dizia: «Põe-te mesa, põe-te mesa», que a mesa não se punha.

Lembrou-se então ele que talvez o estalajadeiro lha tivesse trocado, e voltou à estalagem, mas ele negou e tornou a negar, que tal não tinha feito. Foi-se o homem ter com o rei e contou-lhe o sucedido. Então o rei deu-lhe uma peneira e disse-lhe:

—Quando quiseres dinheiro, dirás: «Peneira, peneirinha» e cair-te-á dela dinheiro em vez de farinha.

Foi-se o homem ainda mais contente do que da primeira vez, mas como fosse outra vez pernoitar à estalagem, e o estalajadeiro visse que ele tirava dinheiro da peneira, fez o mesmo que tinha feito à mesa; o homem, ao chegar a casa, viu que tinha sido novamente logrado. Voltou a queixar-se ao rei; ele deu-lhe uma cacherinha. Vocês não sabem o que é uma cacheira, mas eu explico. Cacheira é um pau ou uma moca. Esta cacheirinha era um pau pequeno. Voltemos à história: disse o rei:

—Vai à estalagem com esta cacheirinha, e diz: «Desanda cacheirinha», e enquanto o estalajadeiro não te der a mesa e a peneira, manda-a sempre desandar.

Foi o homem e fez o que o rei lhe disse, e o estalajadeiro, maçado com pancadas, deu a mesa e a peneira ao homem. Voltou

este todo alegre e contente para sua casa com as três prendas que lhe dera o rei. Quando os filhos, ele e a mulher tinham fome, logo tinham comer; quando precisavam de dinheiro, também o tinham, e quando os filhos faziam alguma coisa mal feita, também o pai mandava desandar a cacheirinha, e assim educou os filhos muito bem, e quando eles chegaram a ser homens foi oferecê-los ao rei, para irem servir a pátria, e foram uns valentes soldados.

Os Meninos Perdidos

Um pai tinha um filho e uma filha e costumava mandá-los ao mato buscar lenha. Um dia os meninos foram e perderam-se no caminho. Depois de terem caminhado muito, avistaram uma luz; foram-se aproximando e viram junto da luz uma casa; entraram e viram uma bruxa que estava fritando filhós; a bruxa tinha só um olho, no meio da testa e por isso não viu logo os meninos. Ora os meninos, como iam com muita fome, tiraram com muito jeitinho as filhós, e a bruxa, julgando ser o gato que as tirava, dizia:

Sape, gato lambão,

Logo te dou teu quinhão.

E continuava a fritar; e os meninos, vendo o engano da bruxa, deram uma gargalhada. Ela então olhou para eles e disse: «Sois vós, meus meninos? Vinde cá.» Pegou nos meninos e meteu-os dentro de uma arca de castanhas, recomendando-lhes que comessem bastante até estarem bem gordinhos. Os meninos iam comendo as castanhas, e a bruxa disse-lhes um dia:

— Metei o dedinho pelo buraco da fechadura para eu ver se já estais gordinhos.

Os meninos, em vez de meterem os dedinhos, meteram o rabo de um ratito que tinham achado na arca. A bruxa disse ao vê-lo:

— Ainda estais muito magrinhos; continuai a comer.

Passado tempo, tornou outra vez a dizer aos meninos que

deixassem ver os dedinhos e eles não tiveram remédio senão mostrar-lhos, pois já não tinham o rabo do rato. Então a bruxa disse-lhes:

— Agora já podeis sair da arca, pois já estais bem gordinhos.

Depois disse aos meninos que fossem buscar lenha para aquecer o forno; e deu-lhes um pão, recomendando-lhes que comessem só o miolo, mas que não o partissem; deu-lhes também uma cabaça de vinho, dizendo-lhes que o bebessem sem lhe tirar a rolha; deu-lhes mais dois punhados de tremoços, dizendo-lhes que os comessem e deitassem as cascas pelo caminho, para depois se guiarem por elas quando voltassem para casa.

Partiram os meninos para o mato; no caminho encontraram uma velhinha que lhes perguntou para onde eles iam. Os meninos contaram-lhe tudo o que lhes tinha sucedido e disseram-lhe que tinham fome, mas que não sabiam como haviam de comer o pão sem o partir.

Então a velhinha fez-lhes um buraquinho no pão, tirou o miolo e deu-o aos meninos; depois fez também um buraquinho na cabaça para os meninos beberem o vinho e disse-lhes que fossem apanhar a lenha, que ela os esperava no caminho. Voltaram os meninos do mato e encontraram outra vez a velhinha, que lhes disse:

— Meus meninos, a bruxa vai aquecer o forno para vos assar; ela há de dizer-vos que danceis na pá e vós haveis de dizer-lhe: «dançai vós primeiro que é para nós aprendermos.» Depois ela dançará, e vós direis: «Valha-me Nossa Senhora e São José» e deitai-a no forno.

Levaram os meninos a lenha; a bruxa aqueceu o forno e disse aos meninos:

— Dançai aqui na pá.

— Dançai vós primeiro para nós aprendermos.

A bruxa pôs-se a dançar na pá e os meninos disseram:

— Valha-me Nossa Senhora e São Josée deitaram a bruxa para dentro do forno.

A bruxa deu um grande estoiro e morreu, e os meninos voltaram para casa de seu pai e levaram o dinheiro que a bruxa tinha em casa.

O Conde Encantado

Uma avó tinha uma neta a quem queria muito mal, e um dia disse-lhe que a havia de queimar em vida e mandou-a buscar lenha para aquecer o forno. A menina foi, muito triste, e em vez de apanhar a lenha foi caminhando, caminhando, até que avistou um palácio; aproximou-se dele e bateu; depois apareceu um conde e perguntou-lhe o que ela queria. A menina respondeu que ia ver se a queria para criada e o conde respondeu que sim. Vivia a menina muito feliz no palácio, até que ele disse-lhe um dia que se sentia muito doente e por isso que ia para casa de sua mãe para se tratar; que de vez em quando a viria visitar, mas que era preciso que ela pusesse na janela uma bacia com água para ele se lavar e uma toalha para se limpar; e recomendou muito à menina que não chegasse à janela porque podia passar algum homem da terra dela e ir dizer à avó que a tinha visto.

Punha a menina a toalha todos os dias na janela, e o conde vinha transformado em passarinho; lavava-se na água e entrava em casa, aparecendo à menina já transformado outra vez em homem.

Um dia a menina ficou mais um bocado à janela, e nisto passou um homem da terra dela, viu-a e foi contar à avó da menina que a tinha visto e que ela tinha na janela uma bacia com água e uma toalha.

Então a avó disse ao homem que fosse ele deitar no fundo da bacia uma roda de navalhas bem afiadas, mas que a neta não percebesse. Foi o homem lá pôr as navalhas e, quando o passarinho se foi lavar na água, cortou-se todo nas navalhas e limpou-se à toalha deixando-a toda ensanguentada; depois foi-se embora sem aparecer à menina.

Passaram-se muitos dias sem a menina ter notícia do conde e, como ela visse a roda das navalhas na bacia e o sangue na toalha, andava muito triste por se lembrar que o conde teria morrido. Finalmente, o conde mandou por um criado dizer à menina que estava muito doente e que era preciso que ela o fosse ver, mas que levasse uns fígados de rolas, para com eles o curar.

Partiu a menina sozinha por esses caminhos, pois a casa da mãe do conde ficava muito longe daqueles sítios; quando anoiteceu, deitou-se debaixo de uma árvore, esperando que aparecesse alguma rola para lhe tirar os fígados. Quando amanheceu, já a menina tinha apanhado algumas e depois foi pedir a um pastor que lhe ensinasse o caminho para o palácio da mãe do conde.

Chegada ali, pisou os fígados das rolas em um almofariz e começou a tratar o conde com eles, de forma que em pouco tempo já ele estava bom. Então o conde disse à mãe que queria casar com a menina. Só ela tinha feito com que acabasse o seu encanto, pois nunca tinha conseguido arranjar os fígados de rolas para o curar.

Casaram e tiveram muita fortuna.

O Colhereiro

Houve noutros tempos um colhereiro que tinha por costume ir a uma mata muito longe da sua casa para apanhar madeira para fazer colheres.

Certo dia, quando ele estava cortando um pedaço de um castanheiro muito antigo, notou que no tronco havia um grande buraco. Cheio de curiosidade, o colhereiro quis ver o que havia dentro, mas mal tinha entrado quando lhe apareceu um mouro encantado, e com voz medonha lhe disse: «Já que te atreves a penetrar no meu palácio, ordeno-te que me tragas aqui a primeira coisa que te aparecer ao chegares a tua casa, e se não cumprires fica certo que morrerás dentro em três dias.»

Foi-se o colhereiro para sua casa, onde tinha três filhas muito lindas, e uma cadelinha que sempre o vinha esperar à entrada da porta.

Nesse dia, porém, contra o seu costume, quem lhe apareceu à entrada da porta foi a filha mais velha. Então ele, chorando, contou à filha tudo o que lhe tinha acontecido e pediu-lhe que fosse ela, senão que o mouro o mataria e ficavam ela e as irmãs sem amparo.

A filha aprontou-se logo para ir e depois de ter abraçado as irmãs partiu para o palácio do mouro.

Deixamos agora o colhereiro com as duas filhas e vamos ver o

que faz o mouro à outra filha.

Logo que ela chegou, deu-lhe as chaves de todas as salas do palácio e deitou-lhe ao pescoço um cordão de ouro fino com a chave de uma sala, proibindo-a de entrar nela, pois se lá fosse morreria.

Um dia em que o mouro tinha saído a infeliz rapariga, cheia de curiosidade, quis ver o que estava na tal sala. Entrou e viu muita gente com as cabeças cortadas; ela, toda horrorizada, fechou a porta e pôs outra vez a chave ao pescoço; mas o mouro, quando voltou ao palácio, foi ver a dita chave e viu que ela tinha uma mancha de sangue. Então, sem dar uma só palavra, cortou a cabeça à pobre rapariga e foi deitá-la na mesma sala aonde ela tinha entrado.

Voltando ao colhereiro, sabereis que ele foi ter com o mouro para que lhe desse notícias da filha, e ele lhe respondeu: «Vai buscar a tua filha do meio para vir fazer companhia à que cá está, pois ela anda muito triste com saudades dela».

Trouxe o colhereiro a filha, e a ela sucedeu-lhe o mesmo que tinha sucedido à sua irmã. Restava ao colhereiro só a filha mais nova, mas como o mouro lhe ordenasse que lha levasse também, levou-lha. Logo que ela chegou, o mouro fez-lhe as mesmas recomendações que tinha feito às outras irmãs.

A rapariga, como haviam feito as irmãs, entrou na sala dos mortos e viu-as degoladas, mas notou que elas ainda estavam quentes e teve desejos de as tornar à vida.

Na mesma sala havia uma armário contendo pucarinhos com o sangue dos mortos; então ela, vendo dois pucarinhos com o nome

das irmãs, pegou nas cabeças delas, juntou-as aos corpos e despejou-lhes o sangue no pescoço e logo as irmãs tornaram à vida. Depois recomendou-lhes que não falassem que ela havia de arranjar meio de as mandar para casa do pai. As irmãs recomendaram-lhe que limpasse a chave para o mouro não saber o que ela tinha feito. Voltou o mouro a casa e de nada desconfiou, e começou então a amar muito a rapariga a ponto de se deixar dominar por ela. Um dia pediu-lhe ela que fosse ele levar uma barrica de açúcar ao seu pai, pois estava muito pobre; o mouro disse logo que sim. Ela então meteu uma das irmãs dentro da barrica e disse ao mouro que fosse depressa, que não parasse no caminho que ela o ia ver do mirante.

O mouro partiu, e ela ordenou à irmã que fosse dizendo pelo caminho estas palavras: «eu bem te vejo» para o mouro julgar que era ela que lhe falava do mirante. A rapariga dizia: «Eu bem te vejo, eu bem te vejo» e o mouro respondia: «Lindos olhos que tanto vedes; correr, correr… », e corria, corria até que chegou a casa do pai; largou a barrica e voltou para o palácio.

Passados dias, quis a rapariga mandar outra barrica ao pai, e da mesma forma mandou a outra irmã. Restava só ela; ora, isso era mais difícil; mas como era muito esperta, de que se havia de lembrar?! Fez uma boneca de palha, vestiu-lhe os seus vestidos, pô-la no mirante; meteu-se na barrica, depois de ter dito ao mouro que fosse depressa, que ela ia vê-lo do mirante. Pelo caminho foi sempre dizendo: «Eu bem te vejo, eu bem te vejo.» «Lindos olhos que tanto vedes; correr, correr.» — dizia o mouro. Assim voltaram as filhas todas para casa do seu pai; e o mouro voltou ao palácio e

foi-se abraçar à boneca de palha julgando ser a rapariga, e caiu do mirante abaixo morrendo logo rebentado; o palácio e o castanheiro desapareceram, pois tudo era obra de encanto.

João Pequenito

Havia noutros tempos um homem que tinha três filhos e, como fossem muito pobres, disse-lhes um dia: «Meus filhos, é tempo de ir correr mundo em busca de fortuna, pois eu nada tenho que lhes deixar quando morrer.» Então os filhos despediram-se do pai e partiram para muito longe, indo ter à corte de um rei turco muito mau. Logo que lá chegaram, pediram agasalho por aquela noite; o rei mandou-os entrar no palácio e, como ele tinha três filhas, mandou que deitassem os três rapazes nas camas das filhas e que lhes pusessem na cabeça umas carapuças de prata, que era para quando eles estivessem a dormir lhes ir cortar a cabeça.

Lá pela noite adiante o rapaz mais novo, que se chamava João Pequenito (apelido que lhe puseram por ele ser muito baixinho), levantou-se e tirou a carapuça da cabeça e das cabeças dos irmãos; pô-las nas cabeças das filhas do rei e fugiu do palácio mais os irmãos, escapando assim à morte.

O rei turco, de noite, foi para matar os rapazes e matou as filhas.

Quando os rapazes já iam muito longe, disse o João Pequenito: «Agora é preciso separarmo-nos e cada qual busque a sua vida.» O João Pequenito foi ao palácio de certo rei e pediu para que o tomassem para criado. O rei nomeou-o seu jardineiro e ele de tal maneira se soube haver que o rei estimava-o mais que todos os

outros criados. Entre estes começou a reinar muita inveja a ponto de irem dizer ao rei que o João Pequenito tinha dito que era capaz de ir furtar uma bolsa de moedas que o rei turco tinha debaixo da cabeceira. Chamou o rei o João Pequenito e disse-lhe o que os criados tinham dito e ele respondeu que sim, que iria, e disse mais: «Mande Vossa Majestade dar-me um navio para eu ir à corte do rei turco e verá de quanto eu sou capaz.»

Foi o João Pequenito; subiu pela parede do palácio do rei turco, entrou pela janela e quando o rei dormia tirou-lhe a bolsa de debaixo do travesseiro e fugiu.

O papagaio do rei turco começou a gritar:

— Ó rei, olha que o João Pequenito leva a tua bolsa de moedas.

Deve ser esta a voz do papagaio.

O rei foi ver à janela, mas ele já ia longe; o rei ainda lhe perguntou:

— Tornarás cá, Pequenito?

— Tornarei, tornarei — respondeu ele.

E foi todo contente levar a bolsa ao rei seu amo.

Passados dias, foram dizer ao rei que o João Pequenito dissera que era capaz de ir furtar a coberta de campainhas que o rei turco tinha na cama. De novo é o Pequenito interrogado e lá volta à corte do turco, furta a coberta e foge. O papagaio do rei turco gritava:

— Ó rei, Ó rei, olha o Pequenito, que leva a tua coberta de campainhas.

O turco foi à janela e perguntou:

— Tornarás cá, Pequenito?

—

Tornarei, tornarei.

Chegou o Pequenito ao palácio do seu amo com a coberta e o rei cada vez estava mais agradado dele por ver a sua valentia.

De novo os criados foram dizer ao rei que o Pequenito dissera que era capaz de ir furtar o papagaio do rei turco. O Pequenito, logo que isto soube, aprontou-se e foi. Furtou o papagaio e este gritava pelo caminho:

— Aqui d'el-rei, que me levam furtado.

E o Pequenito gritava:

— Aqui d'el-rei, que furtado me levam.

Chegado o Pequenito ao palácio, novos trabalhos o esperavam.

Disseram ao rei que o Pequenito dissera que era capaz de furtar o próprio rei turco e de o trazer para o palácio. Então o rei disse-lhe:

— Se tu fores capaz de me trazer aqui o rei turco, casarás com a princesa minha filha.

O Pequenito respondeu:

— Dê-me Vossa Majestade um exército de homens e alguns navios e verá de quanto é capaz o Pequenito.

Aprontou-se tudo e o Pequenito arranjou uma grande caixa e foi ao palácio do turco e quando ele estava a dormir envolveu-o na roupa da cama; desceu com ele pela janela, meteu-o na caixa e à frente do exército lá o levou para a corte do rei seu amo. Este quis logo que o Pequenito casasse com a sua filha; fizeram-se grandes festas e o Pequenito mandou ir para o palácio o seu pai e irmãos, dando-lhes altos cargos na corte. E assim acaba esta história de

que:

A certidão está em Tondela
Quem quiser vá por ela.

Mais vale quem Deus ajuda, que quem muito madruga

Era uma vez dois almocreves e iam a dizer um para o outro: «Qual vale mais, quem Deus ajuda ou quem muito madruga?» Um dizia que era quem Deus ajudava, outro que era quem muito madrugava. Foram mais abaixo e encontraram o diabo a cavalo e perguntaram-lhe:

— Ó senhor! Qual vale mais: quem Deus ajuda ou quem cedo madruga?

O diabo respondeu:

— >Quem cedo madruga.

O almocreve que dizia que mais valia quem cedo madruga disse para o outro que lhe desse o burro com as fazendas que tinha apartado, mas este disse-lhe:

— Deixa-me ir mais abaixo.

Foram mais abaixo e encontraram um homem que lhes disse também que mais valia quem cedo madrugava; enfim ninguém lhe disse que mais vale quem Deus ajuda.

O almocreve tomou posse do que era do companheiro e este disse:

— Ai, senhor! Eu agora onde me hei de ir recolher que estou aqui desamparado?

E nisto foi para debaixo de uns pinheiros e disse:

— Agora ainda não fico aqui; está acolá uma luzinha tão longe a reluzir; vou-me acolá ficar debaixo daquela casa.

Foi, mas o que encontrou foi uma mina; meteu-se nela e vieram depois os diabos para cima da mina e disseram uns para os outros:

— Está ali um poço novo e andam há um ror de tempo para tirar a água a fazer barulho com picão e se pegassem e dessem no fundo uma pancada muito pequena, a água saía logo toda como uma levada; e o dono dá quatro cruzados em prata a quem lhe fizer sair a água. Ai, está a filha do rei tão mal; está um ror de médicos à roda dela e não a curam; se se pegasse numa bacia de leite e se voltasse a princesa de pernas para o ar com a boca na bacia saía logo a cobra que ela tem, que lhe e faz mal.

O almocreve, que estava a observar, foi de manhã ter com o dono do poço; desceu ao fundo; deu a pancada e logo saiu a água. Recebeu os quatro cruzados e foi-se para a terra do rei. Chegou à porta do palácio e disse aos criados que queria falar ao rei.

— Então você que quer?

— Digam lá ao rei que eu venho cá dar saúde à princesa.

Respondeu um criado:

— Estão lá um ror de médicos e não lhe dão saúde e você é que lhe há de dar saúde!...

Mas, enfim, resolveram-se a ir dizer ao rei que estava ali aquele homem. O rei chamou-o e ele foi lá acima e começou a apalpar a princesa como médico e mandou vir uma bacia de leite, e mandou pôr a princesa de pernas para o ar com a boca na bacia de leite, e

saiu-lhe de dentro uma cobra e a princesa ficou boa.

O rei tinha prometido dar a princesa a quem a curasse; perguntou ao almocreve se queria casar com ela ou se queria metade do rendimento do rei e um cavalo para andar a cavalo; ele respondeu que queria dinheiro para ficar rico toda a sua vida. O rei assim fez.

O almocreve depois encontrou o outro que lhe tinha ficado com o burro e lhe disse:

— Ó homem, tu estás tão rico e eu estou tão pobre; tu de cada vez te aumentas mais.

— Olha, faz como eu fiz; vai para aqueles pinheirais; está lá uma mina; mete-te debaixo; hão de vir lá os diabos e escuta o que eles disserem.

O homem assim fez. Os diabos vieram e disseram uns para os outros:

— Ai, que cheira aqui a fôlego vivo.

E nisto vieram abaixo e bateram muita bordoada no almocreve, que morreu.

A Afilhada de Santo António

Havia um pai que tinha muitos filhos a ponto de ser compadre de quase toda a gente da sua terra, pois iam ser padrinhos dos filhos dele. Nasceu-lhe mais uma filha e ele foi por um caminho fora na intenção de falar ao primeiro homem que encontrasse para padrinho da menina. Sucedeu que encontrou um frade, que logo lhe disse que estava pronto a servi-lo. Batizou-se a menina e o padrinho pôs-lhe o nome de Antónia e disse ao compadre:

—

Educa a tua filha o melhor que puderes, pois quando ela tiver treze anos virei buscá-la para a colocar bem.

Passaram-se os treze anos e o pai, vendo que o padrinho não vinha buscar a filha, resolveu mandá-la servir para uma casa e ia já a caminho da cidade com ela quando lhe apareceu o padrinho e lhe disse:

— A tua filha vai servir para casa do rei, mas é preciso que ela de hoje em diante se chame António em vez de Antónia e troque os seus vestidos por um fato de homem, pois de outra forma corre risco a sua formosura na casa do rei.

Assim se fez e Antónia foi para o serviço da rainha na qualidade de pajem. Então o padrinho disse-lhe:

— Porta-te bem sempre e quando te vires nalguma aflição diz: «Valha-me aqui o meu padrinho.»

Crescia Antónia em esperteza e formosura e todos no palácio

julgaram que ela era rapaz. A rainha começou a agradar-se muito do seu pajem e, vendo que ele não lhe correspondia, tratou de meter muitas intrigas ao rei para ver se conseguia que este despedisse o pajem do seu serviço. Um dia foi ela dizer ao rei que António tinha dito que era capaz de numa noite separar todo o joio da grande porção de trigo que estava nos campos pertencentes ao rei. Este chama António e ele respondeu que tal não dissera, mas que ia ver se era capaz dessa empresa. Foi então para o campo e disse:

— Valha-me aqui o meu padrinho.

Apareceu-lhe o padrinho e disse-lhe:

— Vai-te deitar sossegada que pela manhã tudo estará pronto.

E assim foi.

Ficou o rei muito satisfeito e a rainha sentindo cada vez mais paixão pelo pajem a ponto de lhe dizer que, se ele não lhe correspondesse, iria fazer com que o rei o mandasse embora do palácio. Antónia só respondeu:

— Faça Vossa Majestade o que quiser, eu não posso amá-la sem ser desleal ao meu rei.

Foi então a rainha ter com o rei e disse-lhe:

— Eu deitei ao mar o meu anel de brilhantes e António disse que era capaz de o ir apanhar.

Foi Antónia à presença do rei e respondeu que tal não dissera, mas que iria ver se apanhava o anel. Então chamou pelo padrinho e logo ele lhe apareceu e lhe disse:

— Vai pescar e o primeiro peixe que apanhares abre-o e dentro estará o anel.

Antónia assim fez e levou o anel à rainha.

A rainha, desesperada, foi ter com o rei e disse-lhe:

— António disse que era capaz de ir à moirama buscar a nossa filha que está cativa dos moiros.

Antónia disse ao rei que era capaz de lá ir. Partiu e no caminho disse:

— Valha-me aqui o meu padrinho.

Então ele lhe apareceu e disse-lhe:

— Vai, os guardas do castelo onde está a princesa hão de estar a dormir quando tu chegares; tu entras, tiras a princesa e nada mal te acontecerá. Aqui tens esta verdasquinha; hás de bater com ela três vezes na princesa, a primeira à saída da moirama, a segunda no meio do caminho e a terceira à entrada do palácio.

Antónia fez tudo como o padrinho lhe ensinara e levou a princesa para o palácio. Ora a princesa era surda-muda e a rainha disse ao rei que António dissera que era capaz de dar fala à princesa. Então o rei disse:

— António, se me deres fala à princesa, casarás com ela.

Ele então disse:

— Valha-me o meu padrinho.

Apareceu-lhe o padrinho e disse-lhe:

— Pergunta à princesa porque é que tu lhe bateste com a verdasca que eu te dei e ela te responderá.

Foi António diante do rei e da rainha e perguntou à princesa:

— *Porque te dei com a verdasca*

À saída da moirama?

— Foi porque a minha mãe
Três vezes te levou à cama.
— Porque te dei com a verdasca
Quando vinhas no caminho?
— Foi porque Santo António
É que era teu padrinho.
— Porque te dei com a verdasca
À entrada do palácio?
— Querias que soubesse
Que és fêmea e não macho.

O rei ficou encantado com tais maravilhas e, sabendo quanto a rainha lhe era desleal, não a quis mais por mulher e casou com Antónia, que desde esse dia começou a usar os vestidos de rainha e foi sempre muito boa, pois Santo António nunca deixou de a proteger.

A Raposinha Gaiteira

Era uma vez uma raposa que tinha por compadres um grou e um lobo.

Grous, são umas aves com pernas muito altas e bico comprido e que aparecem, no inverno, no Ribatejo e no Alentejo. Certo dia lembrou-se o grou de convidar a raposa para que fosse cear com ele umas papas de milho; a raposa foi mas nada pôde comer, pois o grou apresentou-lhe as papas dentro de uma almotolia e como a raposa não tivesse bico o grou comeu as papas todas. Mas, espera aí, não sabes o que é uma almotolia? Almotolia é uma espécie de garrafa feita de folha de flandres e onde se coloca azeite para servir à mesa. Ah, também não sabes o que é folha de flandres? Ora, folha de flandres é o mesmo material de que são feitas as embalagens de atum e das quais, dantes o meninos faziam barcos. Bom, mas voltemos à história: passados dias, a raposa, para se vingar, convidou o grou também para comer papas, mas desta vez comeu ela tudo, pois tinha deitado as papas numa laje e o grou não pôde comer. A raposa tomou tal fartadela que nem podia andar, e como tivesse de fazer uma viagem, pediu ao compadre lobo que a levasse às costas, pois estava muito doente. O lobo isso lhe fez e a raposa ia dizendo pelo caminho:

Raposinha gaiteira,

Farta de papas
Vai à cavaleira.

O lobo perguntava-lhe:

— Que dizes tu, comadre?

— Ai a minha barriga, ai a minha barriga — respondia a raposa.

Assim foram caminhando até que o lobo caiu no logro que a raposa lhe pregou e então, reparando que estavam perto de um poço, disse para a raposa:

— Ah! Tu assim me enganaste! Disseste-me que estavas muito doente e vais cantando pelo caminho:

Raposinha gaiteira,
Farta de papas
Vai à cavaleira.

Pois bem, fica neste poço para não me tornares a enganar.

E atirou a raposa ao poço. A raposa meteu-se dentro de um balde que estava na borda do poço para se tirar água, ora com um, ora com outro; de que se havia de lembrar a raposa?

Disse ao compadre:

— Olha, tu fizeste muito bem em me deitar ao poço, porque estão cá em baixo coisas muito bonitas; se tu queres ver, mete-te nesse balde que aí está em cima; vens ver o que cá está e depois voltas.

O lobo caiu novamente no logro; meteu-se no balde e foi

abaixo; e ao mesmo tempo que ele ia descendo, vinha subindo o balde em que estava a raposa. Esta, logo que se viu em cima, disse para o lobo: «Fica para aí para não seres tão tolo que te fies nas matreirices que as mais raposas tão matreiras como eu te queiram impingir.»

E foi-se cantando pelo caminho fora:

Raposinha gaiteira,
Farta de papas
Vai à cavaleira.